

CONSCIENCIA ÉTNICA RACIAL ENTRE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO DISTRITO DE BONSUCESSO

Allex Fernandes da Costa Amorim¹

Resumo

A rica troca cultural ocorrida na formação étnica da população brasileira ao longo de séculos, fez com que no século XXI, pudéssemos iniciar um processo de renascimento e redescobrimto de nossas raízes, nos coloca o desafio quanto a conscientização das novas gerações de estudantes no debate quanto às riquezas de nossas origens étnicas e raciais. O distrito está localizado à margem direita do Rio Cuiabá, nasce de parte da concessão da Sesmaria de Bonsucesso em 1823, o qual foi criado em 23 de setembro de 1949, junto à mesma lei de emancipação de Várzea Grande. A origem étnica e racial do distrito esta inteiramente ligada aos primeiros povoadores e ocupantes da região, localizado a margem do Rio Cuiabá. A consolidação ocorre com pequenas plantações de lavouras de cana-de-açúcar, a mais antiga atividade econômica do distrito. Definir o ritmo cultural do distrito não é simples, sendo um conjunto de diferentes culturas, tradições e costumes, que consolidaram as praticas da religiosidade popular, festas profanas como carnaval de rua e outras celebrações de matriz africana, cultuada por uma pequena comunidade local, porém recebendo um grande numero de visitantes da baixada cuiabana. A construção da identidade do povo brasileiro tem sua origem étnico-racial em três grupos étnicos raciais. Formando o que podemos chamar de junção de raças tendo como tronco: o indígena, o africano e o europeu. O distrito de Bonsucesso tem uma população predominante de pardos e negros, seguidos de pessoas de pele bem claras, porem com traços negros, bem como a indígena.

Palavra-chave: História. Identidade. Cultura. Consciência racial. Religião.

¹ Graduado Em Educação Física pela FAUC - Faculdade de Cuiabá – Pós-graduado em Educação de Jovens e Adulto pelo Instituto Educar – 2016 – e-mail: allexcostaamorim@gmail.com

Resumen

El rico intercambio cultural que tuvo lugar en el origen étnico de la población durante los siglos, hecha en el siglo XXI, que podría iniciar un proceso de renacimiento y el redescubrimiento de nuestras raíces, nos ponemos en el reto como el conocimiento de las nuevas generaciones de estudiantes en el debate la riqueza de nuestros orígenes étnicos y raciales. El distrito se encuentra en la orilla derecha del río Cuiabá, nacido de la concesión de Sesmaria Bonsucesso en 1823, el cual fue creado el 23 de septiembre de 1949, por la misma ley de emancipación de Várzea Grande. El origen étnico y racial de este distrito enteramente ligada a los primeros colonos y ocupantes de la zona, situada a orillas del río Cuiabá. La consolidación se produce con pequeñas plantaciones de caña de azúcar, plantaciones de la actividad económica en el distrito más antiguo. Marcando el ritmo cultural del distrito no es simple, y un conjunto de diferentes culturas, tradiciones y costumbres, que consolidó las prácticas de la religiosidad popular, fiestas profanas como el carnaval de la calle y otras celebraciones de origen africano, adorado por una pequeña comunidad local, pero recibir un gran número de visitantes de cuiabana descargados. La construcción de la identidad del pueblo brasileño tiene su origen étnico y racial en tres grupos étnicos raciales. Formando lo que llamamos unirse a las carreras que tienen como tronco: la indígena, africana y europea. El distrito Bonsucesso tiene una población predominante de color marrón y negro, seguido por personas de piel muy claras, pero con líneas negras, así como indígenas.

Palabra clave: Historia. Identidad. Cultura. conciencia racial. La religión.

Introdução

A rica troca cultural ocorrida na formação étnica da população brasileira ao longo de séculos, fez com que no século XXI, pudéssemos iniciar um processo de renascimento e redescobrimiento de nossas raízes, nos coloca o desafio quanto à conscientização das novas gerações de estudantes no debate quanto às riquezas de nossas origens étnicas e raciais. Assim, a 12 (doze) anos da Lei Federal nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, promoveu alterações à Lei de diretriz da Educação Nacional, escrevendo que, a política educacional conduziria o Sistema Nacional de Educação necessariamente, com a seguinte orientação legal.

“Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B: "Art.

26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira". (grifo nosso).

Segundo mestres, no exercício da docência, a partir daquele ano, criaram-se nas universidades, cursos de extensão, que orientaram e formaram docentes e profissionais em educação para que as mudanças ocorridas na LDB com o advento da nova lei, com o claro objetivo de preparar e dotar o sistema nacional das inclusões e exigências legais que ora entraram em vigor, com o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileiro nos currículo de nossas unidades de ensino.

Passado os anos e já em 2008, o mesmo artigo, passa a vigorar com uma nova redação, com a publicação da Lei Federal nº 11.645 de 20 de março daquele ano, fazendo a inclusão da necessidade de ensinar também a história e cultura indígena.

O legislador escreve como deve ocorrer a inclusão no currículo escolar, afirmando que a cultura brasileira é influenciada pelas diferentes culturas, principalmente a negra e indígena, e que assim, no paragrafo primeiro, foi escrito:

§ 1º. O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Grifo nosso).

Assim, inquieto e refletindo quanto ao processo de ensino aprendizagem, que se tem processo e solidificado em nossa unidade de ensino, achamos, que nossa investigação, deveria partir de informações concretas do interior da sala de aulas, e saber o que nossos estudantes do Ensino fundamental tem aprendido e tem consciência de suas origens, formação e herança étnicas racial. Bem como o quanto tem influenciado em sua formação cultural e acadêmica.

Nossos estudos e investigação com o tema: Consciência Étnica Racial entre alunos do Ensino Fundamental no Distrito de Bonsucesso, buscando conhecer o que produziu nestes 12 e 07 anos das alterações na política de ensino nacional, com a valorização da herança cultural, étnica e racial que foram a matriz da cultural

brasileira e bem como da formação do cidadão nacional.

Neste foco, e ouvindo dos meios de comunicações e até algumas práticas e afirmações populares da negação de vários aspectos desta herança cultural, como a cor da pele, os traços raciais e bem como costumes e tradições populares, quisemos consolidar nosso pensamento de que há sim uma negação do que herdamos dos negros e indígenas e que o cumprimento da legislação vigente e a obrigatoriedade de inclusão dos aspectos e características da história, cultural africana e indígena nos currículos não tem sido suficiente para mudar a concepção de nossa população quanto a suas origens étnica e racial, ou não tem sido simplesmente realizado nenhuma inclusão curricular de tal exigência legal.

Nosso trabalho, orientará, pela análise bibliografia, leis e pesquisa de campo com a aplicação de questionário em sala de aulas com alunos do Ensino Fundamental, do 7º, 8º e 9º anos, com idade entre 11 e 15 anos, de uma escola pública Profª Maria Barbosa Martins, sediada na Comunidade Tradicional Ribeirinha do Distrito de Bonsucesso, município de Várzea Grande, estado de Mato Grosso, com um olhar quanto a historiografia da localidade, que tem suas origens no período colonial brasileiro, e sendo fruto da ocupação pelos bandeirantes paulistas e portugueses, ainda no século XVIII.

Por fim nosso trabalho estrutura-se com a história do distrito, suas manifestações culturais, práticas sociais de construção do espaço geográfico, localização e economia. Tratando de nossa temática com o desenvolvimento de nossa temática com apresentação de nossos estudos e investigação, com apresentação de gráficos que justifiquem nossas conclusões e resultados alcançados.

Identidade Étnica Racial: O distrito de Bonsucesso

O Distrito de Bonsucesso tem suas origens no modelo imposto por Portugal no processo de ocupação no período colonial brasileiro no século XVIII, por iniciativa de ocupação imediata por aventureiros e nobres portugueses, que chegaram a esta região através da chamada Marcha para o Oeste, empreendida pelos bandeirantes paulistas, em busca de mão de obra indígena, uma vez que a mão de obra escrava já escassa, e muito cara, para o trabalho nas lavouras de

cana-de-açúcar. É de domínio e conhecimento público tal prática, quanto ao modelo de ocupação de terras no período colonial brasileiro.

O distrito está localizado à margem direita do Rio Cuiabá, nasce de parte da concessão da Sesmaria de Bonsucesso em 1823. As terras do distrito de Bonsucesso, o qual foi criado em 23 de setembro de 1949, pertencia até então ao município de Cuiabá, mesmo ano da emancipação de Várzea Grande.

Segundo TAVARES (2011), ao transcrever a leitura de documentos da posse de terra no distrito de Bonsucesso de fins do século XIX, que por herança os atuais donatários, os quais são todos afrodescendentes. O historiador a partir de documentos originais a escritos em português da época para afirmar os dados históricos da localidade na margem direita do rio Cuiabá, com sua vila Sede a pouco mais de 300 metros do lendário rio.

Escritura da Posse de Terra de membros da Família de Justino Antonio Claro da Silva – Documento transcrito [...] – Declaração de transferência de posse datado de 18 de dezembro de 1866 =Declaração= O abaixo assinado declara que possui a margem direita do rio Cuyabá, no Distrito de São Gonçalo, município d'esta capital, cincoenta braças de terras, que forão doadas em 18 de dezembro de 1866 à sua mulher Claudina Maria da Silva por João Baptista da Silva Claro pae da dita sua mulher. Essas cincoenta braças pertencião a uma terra no indicado lugar, de quatrocentas braças de frente e setecentas e cincoenta braças de fundos, parte da metade de uma sesmaria que tocou ao referido João Baptista da Silva claro por herança de seus Paes Manoel Joaquim da Silva Claro e Joanna Antonia da costa, confinando ao norte com terras que forão de Joaquim Vieira da Costa, fallecido, ao sul com as da herança de Justino Antonio da Silva Claro. As mencionadas cincoenta braças partem de cima para baixo, = a começar de vinte e cinco braças que anteriormente o referido João Baptista doava a são João, segundo a demarcação feita por meio de três pés de “Cajazeiro”, dispostas paralelamente, = confinando pela parte de baixo com as terras da dita herança de Justino Antonio. O declarante trabalha em sua pequena cultura com seus filhos e genro possuindo as alludidas terras e residindo n'ellas até hoje, sem contestação alguma ____ Vai em duplicata, com o documento junto (escriptura de doação). ____ Cuyabá, 21 de julho de 1893. Arrogo de Antonio Ferreira Gomes, Candido Joaquim de Carvalho Pagou tresentos reis de sello – lançado na 1ª via sob nº 398. 2ª Colletoria do Estado em Cuyabá, 24 de Julho de 1893. Testemunhas Ildefonso P. A. Pitaluga - José Vaz Curvo. (TAVARES, 2011, p. 105).

As terras remanescentes, do período colonial, são ocupadas atualmente por cidadãos negros, detem a posse de suas propriedades por gerações, com farta documentação datadas do século XIX, e intituladas como Declaração, com lavratura pública, da transmissão da posse legal das terras por herança a membros da Família

de Justino Antonio da Silva Claro, o qual herdou parte da Sesmaria de Bonsucesso, como afirma o historiador Tavares:

A posse destas terras por herança fora a João Baptista da Silva Claro, de uma parte da grande área, e posteriormente outra área coube a Justino Antonio da Silva claro, a qual pertencera ao seu pai Manoel Joaquim da Silva Claro. Assim, visualizamos com veracidade as origens de posse destas terras que fizeram parte da Sesmaria de Bonsucesso, a família da Silva Claro, os seus primeiros proprietários, como fim do Sistema de donatário por concessão real. O período de povoamento e posse destas terras acredita-se, ter inicio, ainda no Século XIX, mais precisamente a partir do ano de 1823 e a data de regularização da posse da área de terra ocupada por Antonio Ferreira Gomes e seus familiares, a qual fora herdada por sua esposa Claudina Maria da Costa, que lhe fora dado pelo seu pai João Baptista da Silva claro, [...]. *ibid*, 2011, pp 110,111)

É notável para a região a existência de uma preocupação com a educação no distrito, logo no início do século XX, quando há registros que a primeira escola a se instalar na localidade, ocorreu em 1908. Em 1920, foi criada em definitivo a Escola Rural Mista de Bonsucesso. A antiga escola foi totalmente destruída pela enchente do rio Cuiabá em 1974, sendo reconstruída e denominada Escola Municipal Prof^a Maria Barbosa Martins, em pleno funcionamento até os dias atuais, classificada pelo Sistema de Ensino Nacional como escola do campo, por atender a toda uma região ribeirinha e área rural e urbana do entorno da Vila distrital.

Características da população distrital

A vila distrital de Bonsucesso possui uma população da ordem de 1200 habitantes, porem o espaço geográfico distrital seja composto de diversas outras localidades na margem direita do rio Cuiabá e bairros urbanos no município de Várzea Grande, que segundo as informações de dados estatísticos possui uma população na ordem de 20 mil habitantes.

A vila distrital onde esta localizada a unidade de ensino objeto de nossa investigação, a população é bem definida em sua caracterísca étnica racial, predominando os negros e pardos, sendo seguidos pelos de herança genética indígena, e por últimas características bem europeias. Embora seja um tanto pretencioso definir que todos que ali residem e possuem suas propriedades,

iniciativas comerciais no ramo turístico gastronômico, tenham em suas origens somente numa das três origens étnicas: negros, indígenas e europeus.

A miscigenação é muito grande, e na atualidade toda a região e bem como a vila distrital tem recebido muita influencia de outras regiões da baixada cuiabana e brasileira facilitado à troca de experiências, alterando costumes e provocando o nascimento de novos elementos que tem provocado o amadurecimento continuo do convívio social de todos em harmonia.

No Brasil, a escravidão imposta aos africanos pelos portugueses seguiu caminho semelhante ao que acontecia em outros países das Américas. Os portugueses católicos concebiam a si mesmos como superiores aos indígenas, inicialmente, e depois aos negros, por duas razões: eram cristãos e brancos. O imenso afluxo de colonizadores portugueses, uma maioria avassaladora de homens, trouxe consigo o problema da falta de mulheres. Por esta razão, o estupro às mulheres indígenas e negras impôs-se como regra, legitimada e naturalizada pela Igreja e seus representantes. Grosso modo, tem-se aí o início de um longo e interminável processo de miscigenação entre brancos portugueses, indígenas e africanos baseado na violência colonial. Portanto, filhos de brancos com indígenas foram chamados de mamelucos; filhos de indígenas com negros, de cafuzos; e de brancos com negros, de mulatos.²

A origem étnica e racial do distrito esta inteiramente ligada aos primeiros a povoarem a região, e inclusive a sua localização a margem do Rio Cuiabá, tem como destaque ser ali um dos primeiro contatos que os portugueses fizeram com os indígenas, promoveram alterações no espaço geográfico com feitorias a margem do rio objetivando capturar mão-de-obra indígena e a busca por veio aurífero na consolidação da posse com pequenas plantações de lavouras e inclusive de cana-de-açúcar, que é uma das mais antigas atividades econômicas do distrito, inclusive sendo conhecido pelas famosas rapaduras de cana-de-açúcar de Bonsucesso, que ainda são fabricadas em pequenos engenhos como meio de subsistência de varias famílias.

O processo de ocupação em varias regiões do Brasil, ocorrem já a partir do século XVII, e em nossa região no inicio do próximo século é consolidada, como bem escreveu Cabral:

² Marcio André Santos - Mestre em ciências Sociais/UERJ. Doutorando em Ciência Política no IESP/UERJ

“No século XVII, aconteceram às primeiras expedições denominadas bandeiras, que povoou em grande escala o território brasileiro, principalmente nas extremidades do Rio Amazonas, do Rio São Francisco e do sertão nordestino. Os portugueses, em maior número que os nativos, dominaram a região e começaram a capturar os nativos para juntos buscarem ouro e pedras preciosas. [...]. No século XVIII, houve um grande aumento na população do território, fato que foi causado pela descoberta de ouro e pedras preciosas em regiões hoje denominadas Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Bahia. Esta população se alojou em povoamentos dispersos no interior do território, mas estes logo foram se esvaziando. Na medida em que as preciosidades foram se esgotando, o povo foi se dispersando”. (CABRAL)³

Assim, neste processo de ocupação, quem chega a margem do rio, vindo da Capitania de São Paulo, entre os aventureiros, estão os negros escravos, traficados da África, os quais servem aos brancos paulistas e portugueses que em maior número se alojam em terra nesta região pertencentes aos nativos indígenas, que em nossa região da margem direita do rio Cuiabá eram tidos como indígenas mansos, dados ao bom contato assim por dizer, como escreve a Historiadora Elizabeth Siqueira, que um dos objetivos que provocou a Marcha para o oeste, foi:

Infelizmente, nas outras capitanias, a cana-de-açúcar não obteve êxito, sendo que seus colonos resolveram se dedicar a outras atividades, como foi o caso da Capitania de São Paulo, que, ao lado da agricultura de subsistência, optou por traficar, não e escravos africanos, mas sim índios, necessários as capitanias que não desenvolveram com sucesso o plantio da cana-de-açúcar e fabrico de açúcar. Dessa forma, os paulistas criaram o movimento das bandeiras, expedições organizadas por eles que, deixando a Capitania de São Paulo, embrenhavam-se pelo sertão a fim de apresar os índios. (SIQUEIRA, 1997, pp.10,11)

Os aventureiros sem dúvida encontraram resistência na ocupação em outras regiões do Cuiabá, porém, nesta margem direita do Rio Cuiabá, segundo escreveu o historiador Tavares, ocupava esta região os índios da etnia Guanús em muitas tribos os Guanás, que por natureza eram mansos e dados ao comércio, com quem chegasse a suas terras.

Os primeiros habitantes destas terras e legítimos proprietários pela posse e uso destas, dentre as tantas etnias silvícolas que aqui habitaram no

³ Equipe Brasil Escola – Fonte: <http://www.brasilecola.com/historiab/povoamento-brasileiro.htm> <acesso em 08/04/2016>.

passado, encontramos a grande Etnia Guanús, composta por diversos grupos, contando com uma população em torno de cinco a seis mil membros, bastante unidas em seus aldeamentos, ocupando as proximidades de onde hoje se localiza Corumbá (antigo: Albuquerque), na margem direita do rio Cuiabá, em áreas da atual Várzea Grande, sul de Nossa Senhora do Livramento, cercanias de Santo Antonio do Leverger. Eram definidos como silvícolas pacíficos e hospitaleiros, os quais mantiveram contatos comerciais com os brancos até meados do século XIX. (TAVARES, 2011, p. 15).

Assim, quando falamos de característica, não queremos aqui jamais conseguir afirmar que são predominantes uma ou outra, da herança étnica existente na população distrital de Bonsucesso, mas há traços bastantes significativos em todos troncos familiares residentes no distrito, inclusive com um grau de parentesco muito grande entre si, os quais são os Silva claro que tem em seus ancestrais a origem negra e branca, sendo predominantes os herdeiros atuais de pele parda e alguns negros, embora sejam, parentes bem próximos. Já os Magalhães e Pinheiros, há traços negros e indígenas, como a cor da pele, tanto negra quando indígena e os cabelos negros e lisos, havendo entre eles um grau de parentesco muito grande e próximo, com alguns com traços negros. Claro que nestes quase três séculos de colonização da região, muitas outras influencias ocorreram no processo de miscigenação da população local, mas nada que tenha visivelmente alterado a herança étnica racial e tradições locais.

Herança e Manifestações

O cotidiano e suas práticas na construção do espaço social, onde se construí uma cultura, que é o resultado da soma de outras culturas que ao longo do convívio de herdeiros, de raças e etnias, como o negro, o indígena e o europeu, fizeram da localidade um centro de festas, ritmos e costumes que tiveram suas origens em fins do século XVII, com o processo de ocupação.

Definir o ritmo cultural do distrito é simples, como dizer, que é o conjunto das tradições e costumes, consolidou nas práticas da religiosidade popular, festa profana como carnaval de rua e outras celebrações da matriz africana, existente no distrito como o Terreiro da Divindade de Ogum, cultuado por uma pequena comunidade local, porém recebendo um grande numero de visitantes da baixada cuiabana.

As formas de que se valem os africanos tradicionais para explicar, para expressar o que pensa, o que sente em relação ao sobrenatural são diversas: provérbios, lendas, mitos, narrações, até mesmo fatos, acontecimentos da própria vida, uma vez que a forma de religiosidade tradicional africana não é dissociada dos contextos da vida. Mundo natural, físico e mundo sobrenatural coexistem, interagem, se interrelacionam. A natureza com os seus elementos e fenômenos constitui a essência das religiões tradicionais africanas e afrobrasileiras, uma vez que é criação do Ser iniciado, preexistente, completo em si mesmo, com capacidade de dar a vida a tudo por si criado (Apud Santos, 2011).

Porem percebe-se muito claramente que o cotidiano e as diferentes origens culturais que construiu a cultura bonsucessiana em Mato Grosso é o apogeu de uma convivência pacífica das trocas de experiências e do respeito a diferenças. Junto a este “celeiro” que se formou ao longo do século passado, chega à atualidade para juntos firmarem como sociedade as demais confissões cristãs evangélicas que não tem alterado o modo de ser e viver da população local. Bem como escreve a conferência do Bispo do Brasil, em seu texto base quanto a Companhia da Fraternidade em 2015.

A sociedade brasileira conhece grande pluralismo desde o início, com sua matriz étnica de origem europeia, africana e indígena. ... O pluralismo pode trazer não só oportunidades e benefícios, ao conceder maior liberdade às pessoas, mas também a perda ou relativismo de referências culturais. (CF 2015 – Texto-base- CNBB).

Os índios foram os primeiros que, com seu saber milenar, contribuíram para o enriquecimento da cultura mato-grossense. Organizados em pequenos agrupamentos intitulados tribos, os primeiros habitantes do Brasil tinham uma cultura extensa e rica. (ibid.2011).

As mais antigas tradições existentes em Mato grosso, no âmbito da religiosidade popular, estão centradas em festas de Santos, com grande popularidade como as tradicionais festas em honra ao Divino Espírito Santo, São Benedito “O Santo Negro”, São Pedro Pescador, Nossa Senhora da Imaculada Conceição e São João, etc., tradições estas que chegaram com a vinda dos europeus e negros a Bonsucesso.

A Festa do Divino Espírito Santo é uma tradição anual, sendo o padroeiro local da comunidade católica, e é celebrada no município de Várzea Grande única e exclusivamente no distrito desde os tempos memoriais da colonização, trazendo

ainda traços tradicionais com festeiros sendo chamada de rei, rainha, alferes de bandeira e capitão de mastro.

Percebe-se que, no interior das festas, existe um mundo ordenado, com significados. Trata-se de um lugar pelo qual se cria uma consciência de espaço, levando a mente a criar possibilidades para extrapolar os limites desse espaço, dependendo da experiência histórica de cada pessoa. [...], o caminho adotado para a compreensão do significado das festas do Divino Espírito Santo e de São Benedito parte da descrição feita por seus principais componentes. [...] Para a compreensão do significado do culto ao Divino Espírito Santo, recorre-se à seguinte narrativa de Amaral (1998, p.200): “Acredita-se que o costume veio de Portugal, trazido pelos missionários jesuítas e primeiro colonos”. Os festejos são preservados pela Irmandade Religiosa do Divino Espírito Santo, que assumiu o compromisso de manter a tradição de comemorar o culto ao Divino. Com o objetivo de ser uma comemoração alegre, essa festa, reforça através dos rituais, a devoção que é relembrada, inclusive com o pagamento de promessa, após a obtenção de uma graça solicitada ao santo. (PINTO, 2006, Pp 31,33)

Celebrar o “Santo Negro” é uma tradição que traz os mesmo ritmos e costumes com personalidade reais como festeiros do Santo anualmente, alterando significativamente a rotina de toda a Vila distrital durante os dias do festejos festas, trazendo ao seu convívio uma grande massa de populares de toda a baixada cuiabana que muito valoriza as tradições e costumes locais. Algum destes festejos tem duração de até três dias, com o encerramento da tradicional feijoada em plena segunda feira, com celebrações religiosas e danças regionais.

As comemorações a São Benedito são traduzidas inicialmente pelo trabalho de Freire (2002), relacionado à organização da festa de São Benedito em Cuiabá. Nesse trabalho ficou demonstrado que o significado dos festejos está relacionado ao exemplo de vida deixado pelo santo, o qual foi caracterizado como: humilde, religioso, caridoso e de grande devoção em Deus. Nesse mesmo estudo, Rosa (1976), citada por Freire (2002), relata fatos da vida de Benedito, esclarecendo que este era filho dos escravos Cristóvão Manasseri e Diana Larcán, mas nasceu livre, em 1524, e morreu em 1589. Em 1562, entrou para a Ordem dos Franciscanos, na qual levou uma vida humilde e profundamente religiosa. Em 1619 foi criada a Confraria de São Benedito, constituída por grande quantidade de escravos negros que acompanhavam as procissões e festejavam ao santo. Segundo Galvão (1955), citado por Zaluar (1983), o significado do ritual da distribuição de comida durante a festa é atribuída ao jeito de ser do santo, que, segundo a lenda, São Benedito distribuía comida aos pobres. Diziam que ele era escravo na casa de Cristo, o qual costumava repartir os pães da mesa dos santos aos pobres que batiam à sua porta. Cristo, comunicado pelos outros santos, interrogou um dia o que São Benedito carregava na trouxa, e este, tentando disfarçar, disse que eram flores. Quando mostrou o que estava na trouxa, constatou que os pães tinham se transformado em flores. (Ibid, 2006 Pp 36,37)

Como comunidade tradicional ribeirinha e a pesca foram e ainda é à base de sua economia local, como rota turística regional, comum culinária bem particular ao estilo cuiabano, celebram em junho a Festa do Santo Pescador São Pedro, com celebrações, danças e atividades desportivas como canoagem, em homenagem ao santo pelo sucesso nas pescarias diárias, de subsistência e comercial.

As tradições na culinária e até em utensílios domésticos, tem seus traços e origem indígena, como a arte de consumo de peixe, que são pescados em utilizando canoas que é uma arte indígena dos meios de navegação e bem como há uma rica origem vinda dos indígenas como a arte da tecelagem que foram herdadas dos índios Guanás que habitaram esta região da Várzea Grande, à margem direita do rio Cuiabá.

A Herança desta arte vem dos primeiros habitantes desta região, os índios guanás, hábeis tecelões e dominando a criação de rede de dormir com materiais rústicos a sua época, que as tecelãs destas Comunidades distritais de várzea grande dominam na atualidade a criação de redes e peças com desenhos que retratam a flora e fauna regional e local, com cores fortes certamente influenciada pela exuberância do ambiente natural e o clima quente da região. A produção de rede, as que indevidamente são chamadas de “Rede Cuiabana”, porém o seu uso fora muito apreciado pelos aventureis paulistas nesta nossa região, dada o seu uso pelos indígenas guanás, os quais as teciam com muita habilidade, mesmo sendo uma tecelagem rústicos o seu uso fora disseminado por toda a região. (Ibid., p 69)

“Os Guanás moram na margem do rio Paraguai, um pouco acima da vila de Miranda: acham-se todos juntos e aldeados numa espécie de grande povoação. Usam de língua própria, mas em geral sabem alguma coisa de português, que falam à maneira de quase todos os índios ou dos negros nascidos na costa d'África. De quanta tribo tem o Paraguai, é esta que mais em contato está com os brasileiros. Lavradores cultivam o milho, o aipim e mandioca, a cana-de-açúcar, o algodão, o tabaco e outras plantas do país. Fabricantes possuem alguns engenhos de moer cana, e fazem grandes peças de pano de algodão, além de redes e cintas. Indústrias vão, em canoas suas ou nas dos brasileiros, até Cuiabá venderem suas peças de roupa, cintas, suspensórios, cilhas de selim e tabaco. Grande parte deles empregam-se nas plantações ou moendas a ganharem dois a três vinténs por dia além do sustento, ou então entregavam à pescaria, indo levar o peixe à cidade de Cuiabá. (Apud. Tavares, 2011, pp 16,17)”.

Vale ressaltar que esta pratica não tem ao longo dos anos feridos costumes e praticas religiosas de outras doutrinas que tem chegado à localidade.

Assim, nesta prática, o que destaca as experiências culturais trazidas por diferentes povos, são os elementos culturais representativos de cada povo, como: sua religião, sua fala, valores, ritmos de danças, culinária e representações

artísticas, consolidando seu modo de ser e viver.

Consciência étnica racial no espaço social

Nossa investigação pautou-se em distribuir aos alunos matriculados no ensino fundamental, nos 7º, 8º e 9º anos, com idade entre 11 a 15 anos. Unidade de ensino de classificação Rural pelo Sistema Nacional de Ensino, recebendo alunos da região rural e urbana que estão no seu entorno. Com esta localização e uma das únicas do Sistema Municipal de Ensino a ofertar o Ensino Fundamental – Ano finais, faz com que tenha entre seus alunos uma grande diversidade de idade em um mesmo ano de ensino, com distorção idade série, o que até compromete o processo de ensino aprendizagem, e há conflitos no convívio social no interior do estabelecimento, porém são conflitos que não comprometem no todo o processo, por terem em sua grande parte pelas experiências trazidas para o interior da sala de aulas. Não se verificou conflitos de ordem étnica racial e de gêneros, onde podemos contar com uma convivência harmônica em todo o distrito.

Ao submeter os 71 (setenta e um) alunos presente em salas de aulas no dia “D” de nossa investigação, realizamos a exposição do questionário a ser livremente respondido pelos alunos, sentimos que faltava aos mesmos, mais orientação quanto à cultura afro-brasileira e bem como indígena, em conteúdo teórico e outros mecanismos alternativos como vídeo, e recursos tecnológicos nos diversos componentes curriculares contidos na matriz escolar em vigor na unidade de ensino. Assim, constatamos que diante dos diversos questionamentos nos dirigidos pelos alunos entrevistados, ficou demonstrado que não sabiam identificar qual sua origem étnica racial, e nem quais as características que as pudessem definir a sua identidade.

Ao analisarmos os percentuais que nos chegou referente a primeira questão, quanto a cor de sua pele, foi nos afirmado que 45%, se identificaram como de cor “parda”. Mas o que seria um cidadão de cor parda?

Segundo José Luiz Petrucelli⁴ pesquisador do IBGE, "Esse é um tema muito polêmico. Alguns defendem que deveríamos usar a classificação negro,

⁴ Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/voce-sabia/qual-a-diferenca-ent,395c952757b7e310VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html> <acesso em 23/04/2016>

mas o negro é uma identidade social. Leva em conta uma visão política, a identidade de um povo muito mais do que a cor da pele", o que em nossa reflexão, acreditamos que o termo utilizado pelo instituto, em uma de suas classificações da cor da pelo do cidadão, como "preta", o que nos remete para somente uma identidade de uma cor e não seria uma questão de raça ou étnica, o que seria melhor utilizar o termo negra.

Seria esta classificação bastante disseminada na sociedade brasileira, um modelo de negação da identidade e que tem levando a questões de saber para ensinar como bem afirmou Paulo Freire "Ensinar exige reconhecimento e assunção da identidade cultural".

Assim, se identificaram como negros 31% dos alunos entrevistados, outros 16% e 8%, respectivamente se identificam como sendo sua cor como indígenas e europeus.

Quando passamos a analisar, o segundo questionamento de nossa investigação junto aos alunos, encontramos uma completa situação adversa do que esperávamos em relação à primeira questão colocada. 51% dos alunos acreditam serem de origens indígenas e outros 27% como africanos e 22% como europeus. Constatamos nesta questão uma reafirmação de nossa constatação inicial, quanto a dificuldade em se identificar quando cidadão no meio social onde vive e qual sua principal origem racial.

Em nosso terceiro questionamento, solicitamos aos alunos para que ele definisse qual seria a sua origem racial e étnica predominante da população local do distrito e bem como da comunidade discente da unidade de ensino, 55% afirmaram serem esta população de cor parda, outros 35% negros, e respectivamente 6% e 4% indígenas e brancos, distorcendo completamente os índices da questão anterior, uma vez que se a origem racial da comunidade discente for à ordem de 51% indígena, como que agora teríamos um índice de maioria parda e negra junto a comunidade local e discente?.

Na sequência da linha de raciocínio dos estudantes, identificamos que no distrito são predominantes as manifestações culturais de origem indígena, com 62%, seguida de origem africana com 21% e europeia com 17%.

Em nosso questionário ao trabalhar em sala de aulas com os alunos nos questionamentos pedimos que escrevessem numa quinta pergunta, se já haviam participado de alguma festa, danças ou até mesmo consumido alimentos que fazem

parte da alimentação básica dos habitantes do distrito, e se podiam identificar de qual eram a sua origem, entre os principais troncos de nossa herança, europeia, africanos ou indígenas.

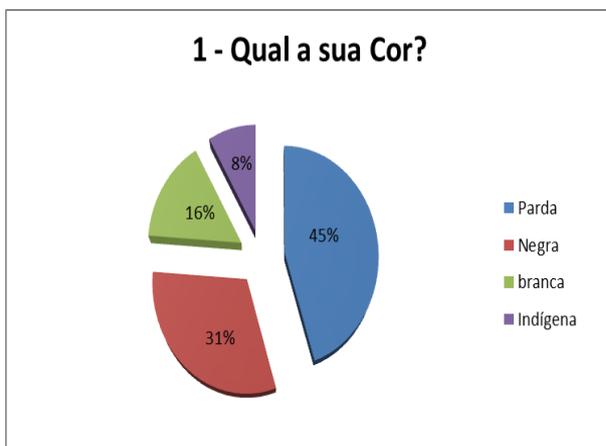
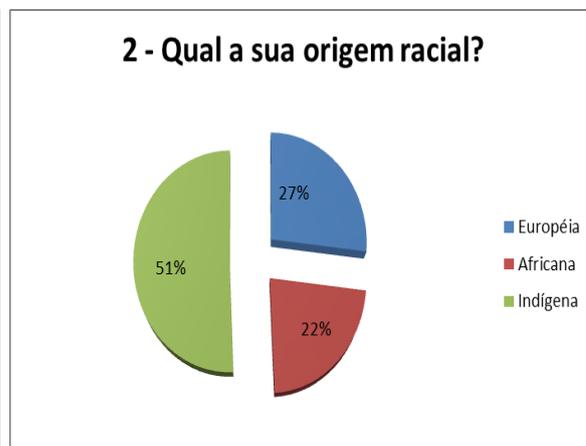
Neste nosso questionamento, fora predominante a resposta dada pelos estudantes, ao afirmarem terem consumidos alimentos da tradição indígenas como peixe e mandioca. Dos europeus afirmaram alguns ter consumido camarão, embora não seja um fruto de agua doce. Da tradição africana afirmaram consumir rapadura de cana-de-açúcar, produto típico e tradicional do distrito, que tem sua origem com a vinda dos paulistas e portugueses a nossa região nos tempos da Marcha para Oeste. Embora seja de domínio público que a cana-de-açúcar, fora introduzida tanto no continente europeu quanto no americano, sendo originaria do sudoeste asiático.

Não ouve quem informasse ter participado de nenhuma dança típica de alguma origem, embora seja muito cultuada na região a dança tipicamente indígena como o Siriri, que é uma tradição em toda baixada cuiabana, e tão pouco as festas que faz muito sucesso em toda a região inclusive no distrito como as de origem europeia da religiosidade popular como as Festas do Divino Espirito Santo, e de São Benedito o santo “negro” que fora introduzida em território mato-grossense pela Irmandade de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, negros foro que litavam pela libertação de seus irmãos negros, ainda sob o regime escravocrata brasileiro.

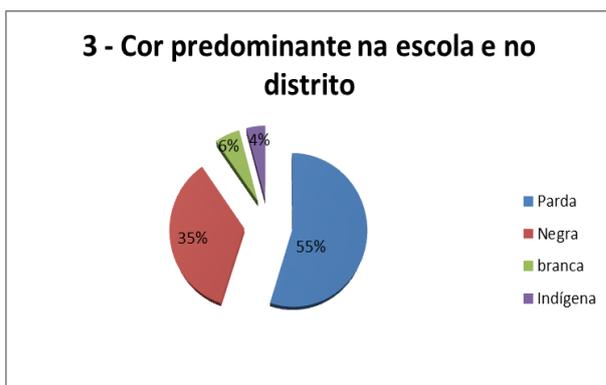
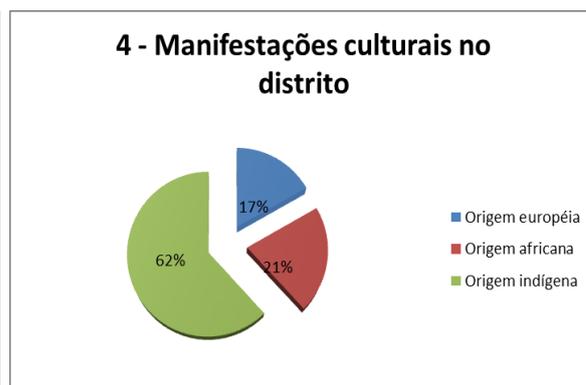
Mato Grosso preserva manifestações culturais com influências variadas, que ganham expressão em danças, cantos e festivais folclóricos em diferentes localidades e regiões do estado.

“As mais conhecidas são o Siriri – dança acompanhada por cantoria, com influências indígenas e africanas – e o Cururu – espécie de desafio de rimas, com origem em manifestações religiosas populares. Ambas têm como principal instrumento a viola de cocho. O Cururu é tocado apenas por homens, que fazem versos e toadas para as mulheres. Os maiores festivais de Siriri e Cururu ocorrem em Cuiabá e região”⁵.

⁵ Danças típicas de Mato Grosso e Centro-oeste do Brasil – disponível em: <http://www.matogrossobrasil.com.br/culturaefolclore.asp> <acesso em: 14/05/2016>

Gráfico 1 – Cor da Pele.**Gráfico 2 – Sua Origem racial.**

Fonte: Autor - Escola Profª. Maria Barbosa Martins - Ensino Fundamental: 7º, 8º e 9º Ano.

Gráfico 3 – Cor predominantes da Pele**Gráfico 4 – Manifestações Culturais.**

Fonte: Autor - Escola Profª. Maria Barbosa Martins - Ensino Fundamental: 7º, 8º e 9º Ano.

Considerações finais

Reconhecer-se como cidadão está acima de tudo sentir-se bem e estar participando do convívio social e da construção do espaço social onde fazemos história e somos parte deste processo. Entendemos que há uma grande diferença em viver no meio social e fazer parte dele em toda sua realidade e rotina.

Na formação desta identidade é se reconhecer como tal, tem a escola um papel fundamental no processo de formação e condução da aprendizagem, para isto

é que fez o legislador escrever as alterações ocorridas primeiramente em 2003 e na sequência da criação da identidade clara de cada cidadão brasileiro, sem diferenças e numa vivência pacífica em 2008, reescreve que esta identidade, incluía não somente a vinda do continente africano, mas que também na formação do povo brasileiro, teve certa e importante contribuição os povos que na gênese do estado brasileiro eram os legítimos proprietários desta hoje nossa terra. Não podendo negar esta origem e para que houvesse a consolidação deste processo de apropriação de conhecimentos, a escola é e continua sendo o lugar ideal, que junto a sua comunidade do entorno produza saberes que posse as futuras gerações, saberes que possam superar o que negamos com veemência ao longo dos séculos. Negação esta, que identifique como “bonito”, “belo” isto é o “perfeito” é ser branco, ter cabelos lisos e loiros e bem como olhos azuis ou verdes, por que assim é a identidade ideal e aceita socialmente.

O estereótipo do cidadão perfeito em estatura, cor e origem, é negar o ser de origem negra ou indígena, que sobrepõem aos demais, criando o etnocentrismo a partir de uma identidade que promova a separação entre as raças e o diferente da origem ideal.

A construção da identidade do povo brasileiro tem suas origens étnico-racial em três pilares raciais. Isto é inegável, mesmo que violentamente tenha isto sido construído durante séculos de domínio e incursão pelo território que forma o Estado brasileiro, formou-se então o que podemos chamar de junção de raças tendo como tronco: o indígena, o africano e o europeu. Assim, construiu o que somos e o que seremos numa sociedade rica em meio à diversidade de cultura, origem étnica e racial.

Nosso trabalho fez-nos chegar às diversas conclusões, dentre as quais destacamos. A legislação não provocou significativas mudanças no processo de ensino aprendizagem, que possam promover aos nossos alunos se apropriarem de saberes que os façam se identificar como membros de uma sociedade que embora tenha suas origens em diferentes raças, genética e costumes possa ser um só povo que vive em harmonia e supere as diferenças, isto tendo em vista que há no meio social brasileiro ainda uma “falsa democracia racial”.

Mesmo com a obrigatoriedade de inclusão da história e cultura africana e indígena nos componentes curriculares, chegamos a duas conclusões: primeiro que os conteúdos não estão sendo inseridos e nem trabalhados em sala de aulas, o

suficiente para que conheçam e possam se identificar como tal e que estas diferenças de cor da pele, traços é a riqueza cultural que forma o povo brasileiro; e em segundo que os profissionais docentes não estejam interpretando o material disponível de maneira que os alunos possam assimilando e se apropriar de saberes que os façam compreender o que é ter suas origens nos três principais troncos que formaram a nação brasileira e quais a importância que toda estas origens tem para nossa história e construção de nossa identidade nacional.

Chegamos a conclusão que diante das diferenças que obtivemos nos índices, e desencontros durante nossa investigação, onde constatamos duvidas quanto aos traços genéticos principais entre alunos que nos questionaram quanto a suas origens, e bem como contar com números que nos informaram que é predominantes no distrito as origens étnico racial de indígena, ao passo que se pode facilmente constatar que não há veracidade nas conclusões dos alunos.

O distrito de Bonsucesso tem uma população predominante de pardos e negros, com traços genéticos bem definidos de origem africana, seguido de pessoas de pele bem clara porem com traços negros. Há uma pequena população de origem indígena, embora os costumes estejam bem diversificados em suas praticas culturais. Há praticas religiosas de origens e tradições trazidas pelos europeus, presente nas festas de santos com ritos e celebrações tipicamente do que eram praticados ainda no século XVIII e bem como praticas do culto de matriz africanas, vivendo em harmonia, não havendo qualquer sinal de segregação entre a população local.

Esta harmonia constata-se facilmente no interior da unidade de ensino. Os conflitos que ocorrem não tem motivação racial, sendo originados da rotina escolar e pelo comportamento e diferenças de idade entre os alunos e das experiências trazida para a escola.

Referencias Bibliográficas

ASSIS, Lucenir Roque de. **A Religiosidade de Bonsucesso: Festa de São Pedro de 1996-2002** – Monografia de Graduação em História – UFMT – Cuiabá – 2002.

BENEVIDES, Louredir Rodrigues. **COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO CUIABÁ – Comunidade de Bonsucesso, Várzea Grande, Mato Grosso** – Monografia de Pós-Graduação em Geografia - UFMT – Cuiabá – 2000.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil / **Campanha da Fraternidade 2015: Texto-Base. Brasília, Edições CNBB. 2015.** Disponível em: <http://campanhas.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2015/02/textobase2015.pdf> <acesso em 02/04/2016>

FONSECA, Dayz Peixoto. **O Viajante Hércules Florence: águas, guanás e guaranás.** Campinas: Pontes, 2008.

GRANDO, Beleni Saléte. **Cultura e Dança em Mato Grosso.** Cuiabá – Central de Texto e Editora UNEMAT, 2005.

O GLOBO. por Alessandra Duarte. **Censo 2010 – população do Brasil deixa de ser predominantemente branca.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/politica/censo-2010-populacao-do-brasil-deixa-de-ser-predominantemente-branca-2789597#ixzz3UTpJu6g3> <acesso em 25/04/2016>

PINTO, Lina Marcia de Carvalho da Silva. **A educação ambiental na perspectiva das festas do Divino Espírito Santo e São Benedito em Poconé-Mt.** Dissertação Apresentada à Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós – Graduação, Linha de Pesquisa- Educação e Meio Ambiente. Cuiabá-Mt, 2006.

SANTOS, Magnaldo Oliveira dos. **Religiões de matrizes africanas – territorialidade de afirmação de ancestralidade africano-brasileira.** Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2011 – disponível: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308341047_ARQUIVO_CONLABMAGNALDOOLIVEIRADOSSANTOS.pdf <acesso em: 15/04/2016>.

SANTOS, Marcio André dos - **Negritudes posicionadas: as muitas formas da identidade negra no Brasil** – disponível em: http://www.cp2.g12.br/UAs/se/departamentos/sociologia/pespectiva_sociologica/Numero4/Artigos/marcio_andre.pdf <acesso: 27/04/2016>.

SANTOS, Rafael José dos, sdb - **A Questão étnico-racial nas escolas: como o professor interpreta o material didático referente às questões raciais e como a interpreta para os alunos** - disponível em: <http://www.salesianos.br/wp-content/uploads/2013/12/a-questao-etnico-racial-nas-escolas.pdf> <acesso em: 24/04/2016>.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **Revivendo Mato Grosso.** Cuiabá – SEDUC-MT, 1997.

TAVARES, José Wilson. **Várzea Grande: História e Tradição.** Cuiabá: KCM Editora, 2011.